



manzuá

revista de pesquisa

CONSELHO DE CLASSE: AGRUPAMENTOS PARA SOBREVIVER AO REMOTO

Autoras:

Adriana Patrícia dos Santos 1

Barbara Biscaro 2

Filipe Brancalião 3

Henrique Bezerra 4

Iassanã Martins 5

Zilá Muniz 6

Resumo

Texto de reflexão sobre as experiências vividas no ensino remoto na graduação de Licenciatura em Teatro da UDESC (Florianópolis/SC), no âmbito de um pequeno núcleo de professoras colaboradoras em meio à pandemia de COVID-19. Este agrupamento de ideias e sensações segue um procedimento de elaboração e escrita em experimentação, intitulado Grupa e explicado ao longo do texto. As autoras que dialogam conosco passam por Paulo Freire, Jacques Rancière, Gilles Deleuze, Sobonfu Somé, entre outras, inspirando uma elaboração coletiva sobre um dos acontecimentos mais relevantes na experiência docente e discente das últimas décadas.

Palavras-chave

Ensino Remoto – Universidade - Teatro – Grupa

1 Adriana Patrícia dos Santos [Drica Santos] - Atriz, palhaça, pesquisadora e professora de Teatro. Atualmente é professora colaboradora do Departamento de Artes Cênicas da UDESC. Doutora e Mestre em Teatro pelo PPGT/UDESC.

2 Doutora em Teatro pelo PPGT/UDESC. Pesquisadora vocal e atriz com ênfase na área de Voz em Performance, é atualmente professora colaboradora da Licenciatura em Teatro da UDESC.

3 Professor de teatro, ator e diretor, atualmente é professor colaborador no DAC /UDESC. Mestre e doutorando em Teatro e Educação pela ECA/USP.

4 Doutor em Teatro pela UDESC, professor colaborador da Licenciatura em Teatro da mesma instituição, ator e diretor na Cia Balacochê. Possui pesquisa centrada nas relações entre pedagogia do teatro, jogo e as proposições de Paulo Freire.

5 Atriz, iluminadora, professora colaboradora no Departamento de Artes Cênicas da UDESC, Mestra e Doutoranda no PPGAC – UFRGS.

6 Doutora em Teatro - UDESC, coreógrafa e diretora do Ronda Grupo, professora colaboradora no Curso de Licenciatura

Abstract

This is an article that is based on the experiences lived in remote education in the undergraduate degree in Theater at UDESC (Florianópolis / SC), within a small group of teachers in the midst of the pandemic of COVID-19. This grouping of ideas and sensations follows a procedure of elaboration and writing in experimentation, called Grupa and explained throughout the text. The authors who dialogue with us include Paulo Freire, Jacques Rancière, Gilles Deleuze, Sobonfu Somé, among others, inspiring a collective elaboration on one of the most relevant events in the teaching and student experience of the last decades.

Key words

Remote education – University – Theater - Grupa

Resumén

Esta es una reflexión sobre las experiencias vividas en educación a distancia en la licenciatura en Teatro de la UDESC (Florianópolis / SC), dentro de un pequeño grupo de docentes colaboradores en medio de la pandemia de COVID-19. Esta agrupación de ideas y sensaciones sigue un procedimiento de elaboración y escritura en experimentación, denominado Grupa y explicado a lo largo del texto. Los autores que dialogan con nosotros incluyen a Paulo Freire, Jacques Rancière, Gilles Deleuze, Sobonfu Somé, entre otros, inspirando una elaboración colectiva sobre uno de los hechos más relevantes en la experiencia docente y estudiantil de las últimas décadas.

Palabras-chave

Educación a distancia – Universidad – Teatro - Grupa

barbara Este é um texto que possui frente e verso. A frente é uma reflexão sobre a experiência docente na universidade de teatro em meio ao regime de ensino remoto, exigido pela pandemia mundial de COVID-19, através de uma grupa de seis professoras. O verso dele é o modo como foi elaborado, as regras desse jogo de produzir reflexão no tempo vivido, que exige um esforço danado de elaboração subjetiva e objetiva no próprio calor dos acontecimentos. O isolamento social e o ensino remoto, de forma paradoxal, exigiu que as algumas professoras da Licenciatura em Teatro olhassem de forma renovada (e não sem algum assombro ou preocupação) para a própria universidade, a realidade das discentes e os conteúdos e métodos de aprendizagem do teatro. O recorte de onde falamos ainda se faz menor quando compomos um grupo, reunido ao acaso, de professoras colaboradoras, ou seja, trabalhadoras precários da universidade pública brasileira. Essa é uma diferença importante, pois dá nuances às reflexões e preocupações do nosso núcleo que exigem, necessariamente, uma percepção mais aguçada da engrenagem política da universidade e do contexto da educação pública brasileira. Vislumbrar a universidade que existe e a que está por vir, sob as lentes da pandemia, é uma das experiências mais vívidas de nossa geração de docentes. Ainda mais quando pensamos no ensino universitário de teatro no Brasil de 2020, um momento marcado pelo desaparecimento dos horizontes, antes melhor definidos, do que é fazer e viver das artes da presença como escolha de vida.

PARTE 1 – *Ad referendum*

barbara A elaboração de projetos e sua posterior execução é uma realidade constante na vida de artistas de teatro, professoras e pesquisadoras acadêmicas. Exercitar essa capacidade de projeção de uma visão para o mundo exterior é algo que, quanto mais fazemos, aprendemos a calcular riscos, negociar desejos e perceber limites. A reitoria da UDESC, em meados de maio de 2020, implementou a volta às aulas em modo remoto através de um mecanismo chamado *ad referendum*, ou seja, sem qualquer discussão com a comunidade acadêmica. Além desta imposição vertical, a permanência das professoras substitutas na universidade foi sendo cada vez mais ameaçada, exigindo que o nosso núcleo de professoras empreendesse uma luta política dentro do departamento para não perdermos nossos trabalhos. Dessa luta política nasceram conversas entre as professoras. Das conversas, nasceu uma proposta de projeto pedagógico que procurava levar em consideração a realidade das discentes e do contexto que nos cercava. Para quem não viveu esse tempo, vale lembrar que estávamos online, cada uma em sua casa, discutindo nas primeiras reuniões coletivas em videoconferência, ainda nos adaptando a telas, microfones, velocidade da internet e muita, mas muita angústia de não saber como tudo aquilo iria funcionar. Síncrono e assíncrono eram dois palavrões recém incorporados ao vocabulário. Há poucos meses sentávamos ao redor de uma mesa e pedíamos que todas desligassem seus celulares. Agora a reunião *era* pelo celular.

henrique Na busca de atender essas exigências, junto a outras professoras colaboradoras do Departamento de Artes Cênicas da UDESC, propusemos um projeto comum para o semestre de 2020.1 do curso de Licenciatura em Teatro desta instituição. O intento inicial era uma articulação entre todas as disciplinas ofertadas no modelo de ensino remoto emergencial⁷, bem como com seus docentes responsáveis, reestruturando assim a própria lógica de divisão de turmas em fases e disciplinas. A ideia consistia na tentativa de investigar um tema comum que aglutinaria propostas pedagógicas e seria pesquisado à luz de cada provocador docente e discente. Esse eventual tema seria levantado ao longo das discussões no Departamento de Artes Cênicas com o corpo discente, mas já vislumbrávamos sua relação com a atual pandemia de Covid-19 e suas consequências tanto para o ensino e prática de teatro, bem como para a vida dos sujeitos.

⁷ E aqui cabe destacar que sua nomenclatura “remoto emergencial” não é à toa. Devido à sua implementação urgente, esta proposta em muito se difere de um curso estruturado como Educação a Distância (EAD) que possui procedimentos, estudos e metodologias pedagógicas próprias, além de um longo planejamento para sua realização.

O projeto 8

OUTRAS COLETIVIDADES: COMPARTILHAR SABERES, REAGRUPAR DESEJOS

O teatro é a arte da coletividade. A partir desta frase quase chavão, quais as provocações, aventuras e ações que podem surgir do estudo do teatro em um momento tão crítico quanto o que estamos vivendo? Que a sociedade está experienciando outras maneiras de organização e relação, isso é evidente. Um grupo de professores e pesquisadores de Teatro pode imaginar respostas possíveis a partir de experiências passadas, presentes e quiçá futuras no campo teatral?

Pensando coletivamente no Depto de Artes Cênicas como um amálgama entre diferentes docentes, técnicos e um grande grupo de discentes, faz-se necessário problematizar a mera transposição das aulas de caráter presencial para serem dadas em disciplinas em “conteúdo virtual” como um cumprimento das exigências institucionais. Abre-se uma oportunidade de pensar fora da caixa e tentar, como artistas/pesquisadores que somos, abraçar um desafio sobre a forma que mudará inevitavelmente o conteúdo, e isso pode ter um potencial transformador.

Como um grupo de professores, devemos pensar nas formas de recepção dos alunos ao conteúdo, a quantidade de horas que ficarão expostos online, ao modo como vão assimilar e responder às atividades, pois não se preocupar e pensar nisso agora significaria uma espécie de fracasso pedagógico. Assim como devemos refletir sobre a quantidade e a qualidade do trabalho docente nesse processo de adaptações abruptas. Somar forças e ter a resiliência de desviar de nossos mundos individuais na direção de uma coletividade de professores e alunos envolvidos no aqui e agora de uma pandemia mundial, pode ser uma saída para que possamos aprender juntos.

A manutenção de atividades e aulas pode ser vista como uma forma de reconectar e reforçar laços de coletividade que o Departamento de Teatro possui entre docentes, discentes e técnicos, em um momento no qual parece que o mundo nos empurra para o isolamento não só físico mas emocional e psicológico.

8 E aqui cabe destacar que sua nomenclatura “remoto emergencial” não é à toa. Devido à sua implementação urgente, esta proposta em muito se difere de um curso estruturado como Educação a Distância (EAD) que possui procedimentos, estudos e metodologias pedagógicas próprias, além de um longo planejamento para sua realização.

PROPOSTA

Os professores e professoras do departamento unirem seus esforços em **um projeto de semestre em comum**, repensando metodologicamente a estrutura de disciplinas e fases. Já que não será possível para a maior parte dos professores a adaptação à linguagem online de suas ementas e conteúdo, propomos pensar em produzir algo que possa dialogar com qualidade com o modo remoto de ensino. Os projetos contemplarão disciplinas de fases distintas, resguardada a primeira fase, que terá uma proposta de ação exclusiva visto seu contato inicial com o curso. Levar em consideração todos os saberes desse grande coletivo pode ser algo sem precedentes. Discentes que são bons em gerir redes sociais, que sabem criar canais e gerir plataformas podem ajudar docentes que produzem conteúdo. Docentes e discentes que sabem realizar tarefas como edição de vídeos ou formatação de textos, podem criar grupos de trabalho de compartilhamento de saberes que serão especificamente delineados para o projeto em comum de todo o departamento.

Ação 1

Criação de um canal no Youtube com palestras de cada professor/a sobre temas de sua escolha em diálogo com o tema escolhido para o projeto do semestre. A publicação de tal conjunto de palestras se dará publicamente e pode atingir tanto os estudantes regulares matriculados quanto a comunidade em geral, um meio também para divulgar as pesquisas dos docentes e intensificar relações entre comunidade e universidade. Assim, os alunos e alunas do curso poderão ter aulas com vários professores do DAC e não apenas com aqueles designados por sua grade de fase.

Desafios: estabelecer sistematização de critérios (tempo de duração, formato e design gráfico) e gestão do canal do Youtube. Definir calendário pensando na periodicidade. Levantar necessidades técnicas de equipamentos, ver como essa atividade pode ser feita em laboratórios da Universidade sem apresentar riscos para a saúde.

Ação 2

Calendário de encontros virtuais entre dois a três professores em torno de temas transversais, em formato de Live ou Webconferência. Novamente são atividades que poderão ser frequentadas por estudantes e comunidade, com temas que possam ser orientados para o desenvolvimento do projeto do semestre. Nesse formato podemos convidar até mesmo outros docentes e pesquisadores de todo o país, convidar grupos de teatro para falar de suas pesquisas, etc.

Desafios: criar contas em redes sociais do DAC ou salas de conferência seguras, gerir as atividades no momento em que ocorrem, fazer registros das mesmas.

Ação 3

Definição de um trabalho que o aluno deverá entregar em relação a todo o semestre, e não para cada disciplina em particular. Sugestões: a escritura de um artigo, a produção de um vídeo, etc. Ao invés de cada aluno fazer seis ou sete avaliações, eles se dedicarão a um projeto exclusivo que, com o estímulo e orientação dos docentes, poderá ser um projeto de pesquisa com mais profundidade. Os professores poderão se distribuir em grupos de trabalho para orientar e revisar tal projeto, e depois no fim podemos disponibilizar os resultados online – o próprio canal no Youtube, blog, publicações em revista, redes sociais.

Desafios: criar critérios em comum, dividir o trabalho entre docentes em grupos específicos, definir quais os objetivos desta atividade, discutir e problematizar as formas de avaliação em tempos de exceção. Definir uma plataforma onde será postado este trabalho para que a organização logística do mesmo seja acessível e unificada para evitar confusão e transtornos.

Ação 4

Definição de um horário de tutoria, por webconferência, para cada professor em horários e dia fixos. Cada professor terá uma sala própria e os estudantes poderão acessar essa sala e tirar dúvidas, fazer comentários e conversar com o docente.

Ação 5

Discussões periódicas dos professores em reuniões pedagógicas, em um grande grupo e em grupos de trabalho, sobre o andamento do projeto coletivo, pensando de forma efetiva novas formas de funcionamento em uma situação de exceção. Leitura de materiais ou compartilhamento de informações para que possamos atingir um trabalho colaborativo construtivo em termos de uma coletividade, ao invés de disciplinas e pesquisas individuais.

Desafios: gerir as reuniões, frequência dos professores, criação de grupos que podem revezar a condução das mesmas.

RESUMO DAS ATRIBUIÇÕES DO DOCENTE

- 5 propostas assíncronas audiovisuais de 20 minutos (1 semana proposta, semana seguinte, o *React* aos comentários dos discentes).

- 1 participação da LIVE coletiva de acordo com o calendário estipulado pelo DAC em trios de docentes. Essas atividades ficarão gravadas e poderão ser acessadas depois.
- 1 horário de tutoria fixo semanal. Revisão de uma quantidade X de trabalhos finais dos alunos.
- Participação das reuniões pedagógicas de acordo com calendário do DAC.

RESUMO DAS ATRIBUIÇÕES DOS DISCENTES

- Assistir e comentar as propostas assíncronas dos professores postados na plataforma online especificada.
- Participar das tutorias dos professores na semana.
- Acompanhar as *LIVES* semanais do DAC.
- Produzir um trabalho único que será a avaliação do discente de suas disciplinas em que está matriculado.

PROPOSTA DE EIXO TEMÁTICO DO SEMESTRE (a discutir)

1. TEATRO E COLETIVIDADE
2. TEATRO E AS EPIDEMIAS

EIXOS TRANSVERSAIS - POSSIBILIDADES DE AÇÃO EM GRUPOS

- Iniciação ao teatro

Este eixo se refere a uma proposta específica para alunos e alunas da primeira fase do curso, que frequentaram poucas aulas presenciais. Levando em consideração a realidade destes discentes, propõe-se pensar ações que possam consolidar uma iniciação ao estudo da linguagem teatral e à prática pedagógica do teatro. Isto não busca somente ajudar esses estudantes a compreenderem melhor o curso em que se matricularam, como também visa estimular a permanência estudantil no curso. Os professores discutirão conteúdos e metodologias que se alinham à temática do semestre (eixo central) aplicados à primeira fase do curso, auxiliando os discentes a se engajarem nas práticas de estudo e pesquisas propostas.

- Proposições somáticas

Proposições somáticas serão ações e exercícios propostos que fundamentam-se no aprofundamento da percepção corporal como chave para a transformação ou criação de padrões de movimento e atitudes motoras, assim como o trabalho sobre si mesmo. Como forma de trabalhar individualmente, devido ao confinamento em que estamos submetidos, pensar em uma metodologia definida por proposições que priorizam o processo individual, centrando-se no como se faz

(mecanismos, acionamentos, sensações, intenções) no lugar de o que se faz. As experiências com as técnicas somáticas demandam o uso focado da atenção e da concentração e envolvem habilidades como observar, sentir, perceber, nomear, diferenciar, comparar, interpretar, modular e outras, que contribuem para trazer para o nível da consciência ações que poderiam facilmente passar despercebidas.

Práticas pedagógicas

Eixo centrado na reflexão sobre as diferentes modalidades de ensino de teatro já consolidadas, bem como, no fomento a discussão e pesquisa acerca de novas práticas e procedimentos pedagógicos que serão pensados à luz do do tema central articulado no semestre. Em diálogo constante com a realidade que se instaura, busca também propor ações que coloquem em choque a objetividade dos possíveis campos de ação dos futuros professores de teatro com princípios pedagógicos e artísticos que apontem novos possíveis e inéditos viáveis para a pedagogia das artes cênicas. Como pensar o ensino do teatro em tempos de pandemia? De que modo o chamado “novo normal” poderá modificar as modalidades de ensino do teatro? Quais as contribuições do teatro para a formação de crianças, jovens e adultos no contexto pós pandemia? Essas são questões norteadoras que poderão mobilizar as discussões e reflexões de docentes e discentes acerca das práticas pedagógicas.

Teoria em prática

Definição de um grupo de autores e autoras que pode se constituir como uma bibliografia básica desse semestre. Assumir que os estudos teóricos estariam mais adaptados ao ensino a distância seria não levar em consideração que a teoria está indissociavelmente imbricada às práticas performativas. O presente eixo visa problematizar esse lugar comum, provocando docentes e discentes a pensarem a teoria do teatro como uma ação em si. A adoção de leituras em comum e a investigação de seus ecos estéticos pode enriquecer a pesquisa individual decada discente, dando vasto material para a elaboração do trabalho semestral. Além do que colaboram para a construção de um arcabouço importante para a compreensão teórica do eixo semestral e demonstram, na prática, como cada docente desenvolve sua pesquisa a partir de uma provocação coletiva, dando diferentes pontos de vista de acordo com cada viés (história, estética, dramaturgia, etc).

Esta é a nossa proposta, aberta a sugestões e colocada em discussão.

Estamos inseridos em um novo contexto no qual a pandemia nos exige pensarmos em diferentes modos de vida, por isso, nos propomos refletir sobre as possibilidades coletivas pedagógicas

do ensino do teatro, tendo em vista, sobretudo, o cuidado com nossa comunidade docente e discente.

Compreendemos que, neste momento, não é possível darmos continuidade à vida acadêmica como era antes. Nestas circunstâncias, deixamos o convite para olharmos no aqui e agora e pensarmos na construção de um conhecimento que seja viável e desenvolvido a muitas mãos.

PARTE 2 – A- grupa

barbara Após toda a experiência prática do semestre, o que fica forte para vocês nessa comparação entre a ideia que elaboramos e a vida real?

henrique Inicialmente, a proposta foi bem recebida na sua apresentação em uma reunião de departamento, mas a demanda de trabalho que iria gerar e a necessária maleabilidade para colocá-la em prática foram alguns dos argumentos levantados para que ela não fosse aprovada como planejávamos. Lançando um olhar retrospectivo, noto hoje que apenas fragmentos de sua ideia permaneceram, pedaços que tomaram forma nas parcerias que duplas ou trios de professores e professoras fizeram em seus planejamentos.

zilé O laboratório e acelerador do projeto de ensino online, tanto em termos mercadológicos, como de controle do conhecimento e precarização das relações presenciais vem acontecendo de forma ampla e irrestrita na pandemia do COVID-19. Como cobaias, fomos surpreendidos em 2020 pela urgência de aderir ao modo de ensino online, o que para muitos tem sido um desafio e também uma resistência, para outros um desastre. Surgem muitas dificuldades na implementação do processo de mudança no sistema de ensino que surgiu após a crise do COVID-19 e algumas dessas dificuldades estão relacionadas com a transposição de conteúdos para uma perspectivas da educação online e suas complexidades tecnológicas. Cito aqui algumas: as diferenças em “poder” de acesso às aulas e conteúdos gravados e disponibilizados na rede intensificados pela desigualdade social; a saúde mental fragilizada tanto de professores, estudantes e técnicos potencializadas devido ao confinamento e a crise financeira na economia. Todas as questões citadas anteriormente se somam ainda a necessidade premente de ter que aprender e inventar processos de ensino aprendizagem mediados pela tela em um tempo absolutamente curto e tenho que ressaltar aqui, sem opção de o não fazer. Ou faz em modo remoto ou perde o emprego.

adriana Ao adentrar o semestre no formato “pandêmico” percebo que buscávamos a iniciativa de “somar forças e ter a resiliência de desviar de nossos mundos individuais na direção de uma coletividade de professores/as e alunos/as envolvidos/as no aqui e agora de uma pandemia mundial”, conforme palavras que colocamos em nossa proposta pedagógica para o semestre; foi proposto por nós, um coletivo ínfimo de professoras/es substitutas/os; sendo que isto poderia ter

sido pensado e estimulado a nível pedagógico institucional, valorizando a voz de quem realmente está dentro do processo educacional: a/o professor/a. Ao invés disso nos vimos envolvidos a dar conta de profundas alterações nas propostas ensino no âmbito remoto em curto espaço de tempo, haja vista que todos/as estamos no mesmo desafio físico, emocional e político ante ao contexto que nos apresenta.

barbara Acabou que a proposta de um projeto único para todo o corpo docente se fraturou em pequenos grupos separados por fases, né?

iassanã Sim, sabíamos que não seria fácil, tanto pelo contexto, mas também por não sabermos se estariam disponíveis a repensar seus modos de ofertarem suas aulas. Fiquei responsável pelo grupo da sétima fase que chamamos de *Poéticas de Contágio*, com três temas a serem abordados - Tropicália, Contracultura e Diversidade - além da avaliação final em comum. Transcrevo aqui abaixo um trecho da proposta que elaboramos:

A proposta de Poética de Contágio surge a partir desse momento pandêmico como um modo de fazer arte diante da proliferação de um vírus que se propaga. A partir deste contexto as disciplinas Estética Teatral II (Prof. Edécio Mostaço), Espaço Teatral I (Profª Iassanã Martins) e Ética, Legislação e Produção Teatral (Prof. Filipe Brancalião), se uniram como projeto para olhar e conhecer outros períodos da história do teatro que também foram contaminados em seus contextos históricos e fizeram que artistas explorassem diversas formas de criação. Sendo assim, a proposição para a avaliação final é um convite para olharmos nossa conjuntura e criarmos um exercício cênico em formato de vídeo de três a cinco minutos. A leitura do texto indicado serve como mote de criação. A cena pode ser inspirada a partir desse texto ou até mesmo fazer parte da dramaturgia. Texto: Entre o Gatilho e a Tempestade: racismo, capitalismo, teatro e a capacidade mimética de um vírus (notas de trabalho para desdobramentos futuros, na encruzilhada-Brasil, de José Fernando Peixoto de Azevedo.

filipe Também acho que a força de nossa organização coletiva que permitiu que a solidão por trás da tela ampliasse as possibilidades de trabalho, inclusive coletivas. Convocamos todo o corpo docente a se engajar numa tentativa de trabalho transdisciplinar, promovendo encontros entre diferentes disciplinas em uma mesma fase de formação. Essa proposta gerou interesse e movimento. E, ainda que com uma tela no meio do caminho, o movimento ampliou a escuta... e o encontro. De fato, nossa proposta ousada ficou aquém do que desejávamos. Resistências, dificuldades de agenda, sobrecarga de trabalho e desgaste emocional do modelo remoto foram obstáculos sensíveis. Ainda assim, as dificuldades ali estariam de qualquer modo.

adriana A meu ver, a pandemia nos colocou num lugar de público e privado mais complexo ainda. Ao mesmo tempo em que estamos isolados e coagidos a agir somente num raio de ação privado, somos impelidos a lançar-se ao público de modo virtual. Em contraponto também estamos experienciando uma invasão ao espaço privado da casa ao nos colocarmos em reuniões, lives, e encontros virtuais. Neste caso penso que não se trata da diluição das fronteiras público e priva-

do da qual Somé nos traz da vivência em comunidade, onde se pressupõe uma correlação de escuta intensa no convívio e no alimento do espírito da intimidade, mas de uma exacerbação da dicotomia público e privado que já existe em nosso convívio e que muitas vezes se mascara em *likes*, *lives* e o falso senso de conexão que a internet nos traz. E aí que o teatro enquanto arte coletiva em potencial nos ensina muito. O teatro nos desperta para esse senso de eu não sou eu, mas somos nós. O teatro trabalha o *Ubuntu*⁹. E para a experiência de ensino remoto em teatro, apesar de todos os entraves e distanciamentos que a tela nos trouxe foi possível vislumbrar uma conexão pra além do *bites* e cabos. O quanto essa arte pode ser potente para nos olhar pra além de nossas individualidades.

iassanã A partir desta experiência, é notório para mim, o quanto a construção pedagógica é algo a ser elaborado com tempo e em etapas. Não é fácil mudar uma cultura de uma hora para outra, porém o contexto pandêmico aflorou um desejo que é compartilhado no campo do saber, pelo menos em uma educação progressista, que é a proposição de uma educação autônoma e conjunta. Diria que no campo das ideias, nossa proposta foi perfeita e, na prática, foi possível. Porém não foi fácil tanto para nós docentes abrimos mão das nossas disciplinas ou adaptarmos as nossas disciplinas às outras, mas também para as alunas e alunos tiveram dificuldade em adquirir autonomia na organização entre as horas de estudo síncrono e assíncrono até mesmo de compreender que a proposta conjunta era diminuir hora/tela e a sobrecarga de tarefas, sem falar naqueles que nem tiveram oportunidade ou condições para acompanhar as aulas.

henrique O que se teve então foi apenas uma fração da proposição inicial e, ainda que a mesma tenha de fato gerado uma alta demanda de trabalho para os profissionais que se dispuseram a realizá-la, seu resultado se traduziu em um considerável engajamento discente e em proposições artístico-pedagógicas interessantes, das quais destaco: uma série de *podcasts* produzidos na parceria entre as disciplinas de História III e Voz III a partir de temas que orbitassem o texto de Bertolt Brecht *Mãe Coragem e seus filhos* (encenação épica, biografias dos artistas do período, contexto histórico da obra, relações com a atualidade...); um rádio-fórum (corruptela da modalidade de *Teatro Fórum* pensada por Augusto Boal, mas realizada apenas por áudio e investigando soluções para uma situação problema trazida pelos discentes), dentre outras proposições.

9 Dos povos originários da África, surge uma concepção ética que desafia o estilo de vida da sociedade contemporânea: o Ubuntu. Para os povos de língua bantu, esse termo significa “eu sou porque nós somos”. Essa “filosofia do Nós” pensa a comunidade, em seu sentido mais pleno, como todos os seres do universo. Todos nós somos família. Grande parte da luta contra a colonização na África e contra o apartheid, especialmente a partir das contribuições dadas pelo prêmio Nobel Desmond Tutu, arcebispo anglicano emérito da Cidade do Cabo, na África do Sul, encontrou sua força nessa filosofia. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Nº 353, Ano X, 2010. ISSN 1981-8469

zilé Pensando nisso Henrique, ressalto a minha experiência que foi ministrar disciplinas práticas de corpo para a primeira fase do Curso de Licenciatura em Teatro, e como contar uma história que está atravessada por questões complexas de um tecido afetivo que, de certa forma, foi o maior aprendizado que resultou do semestre 2020-1. Como nos reinventar em um ambiente árido e frio do ensino remoto? Como ativar e estimular a curiosidade e a vontade nos estudantes? Como produzir proposições somáticas e inventar procedimentos que criem experiências de intensidades e sensações sinestésicas para gerar material de composição? Como buscar neste modo extremamente solitário de ensino aprendizagem a autonomia do corpo? Paulo Freire afirma, “Existir, humanamente, é nomear o mundo, mudá-lo. Uma vez nomeado, o mundo, por sua vez, reaparece para os nomeadores como um problema e exige deles uma nova nomeação” (FREIRE, 1987, p. 44). Este apelo em dar nomes e trazer a razão é uma explicação materialista da relação da consciência com o mundo, mas, para Freire (1987), nomear pode ser um ato criativo. E o que nos mantém na linha é o pensamento crítico ou “educar seu próprio julgamento” como essencial, mas deve agir em consonância com o diálogo, para que o mundo visto também transforme e desta forma é combinar “a linguagem da crítica com a linguagem da possibilidade” e nos traz uma luz de como o próprio sistema pode ser transformado. Sendo assim, sem entrar nas questões do ensino em si, penso sobre a experiência transformadora que foi um processo de colaboração tecida por um grupo de professores e professoras que juntas articulamos outros modos e possibilidades de conectar conteúdo em uma pedagogia rizomática e gerar um movimento de cooperação e amizade com foco e preocupação com os estudantes e seu aprendizado.

henrique Sim! Observar a mesma ação na ótica freiriana significa afirmar que buscávamos *admirar* um ponto de estudo e por meio dessa *ad-miração* cultivar nossa *curiosidade epistemológica* nos questionamentos oriundos da relação com o tema, o contexto e o embate de visões distintas.

filipe Convocar o encontro coletivo, na situação excepcional de uma tela no meio do caminho, articulou duas importantes questões: de um lado, todos nós éramos pouco afeitos ao ensino remoto, mais do que isso, tanto quanto os estudantes, estávamos diante de algo que, simplesmente, desconhecíamos. Estávamos todos, docentes e estudantes, em condição de igualdade. De outro, pensarmos as práticas coletivamente, reforçava nossa condição comum de igualdade, evidenciando ainda, que o processo de mergulhar no desconhecido, juntos, permitiria a autoria coletiva de um processo pedagógico. Nesse sentido, mais do que o sucesso ou o insucesso da

proposta, a mim parece ter se evidenciado uma potência política inerente às nossas práticas artísticas e pedagógicas. Dialogando com o filósofo francês, Jacques Rancière, talvez seja possível dizer que as condições nas quais nos encontramos, permitiram “articular essa falha como uma relação, transformar o não-lugar lógico no lugar de uma demonstração polêmica”. Assim, “a construção desses casos da igualdade (...) constitui um processo de subjetivação” (RANCIÈRE, 2014, p. 71-72).

adriana Para refletir sobre o que foi a experiência pedagógica pandêmica em teatro neste semestre me ocorreu pensar o senso de comunidade. E imediatamente me lembrei do livro *O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar* de Sobonfu Somé. As palavras espírito e intimidade são trazidas uma perspectiva outra da que costumeiramente vejo em meu cotidiano neste país que nega sua relação com a ancestralidade negra. Tanto que, ao olhar para os discursos a minha volta e, sobretudo na academia, a palavra espírito vem carregada de sentidos cuja racionalização a tira de qualquer significância objetiva sobre um fato. Por isso é importante expandir o olhar para outras epistemologias, outras explicações de mundo, e outros saberes. Somé fala que “quando povos tribais falam de espírito, estão basicamente, referindo-se a força vital que há em tudo”. (SOMÉ, 2003, p. 26). Se nós no teatro falamos de presença, de energia, dilatação, por exemplo, não vejo motivo para estranhamento do termo espírito; e vai ao encontro de nossa proposta em pensar “fora da caixa” que nos guiou neste semestre. E a palavra intimidade proposta por Somé (2003) não tem a ver com algo somente ligado a relação afetivo-sexual, mas sim diz respeito a todas as relações estabelecidas entre pessoas, inclusive a relação de você consigo mesma/o; não obstante a autora também aponta para o quanto, na perspectiva dos Dagara 10, o relacionamento de um casal está conectado com a aldeia. Ela diz que:

Um dos princípios do conceito Dagara de relacionamento é que este não é um assunto privado. Quando falamos sobre “nosso relacionamento”, na aldeia, a palavra “nosso” não é limitada a dois. É por isso que achamos difícil viver um relacionamento em uma cultura moderna, que não tem verdadeira comunidade. Na ausência de comunidade, duas pessoas são forçadas a dizer “esse relacionamento é nosso”, quando na verdade, a comunidade deveria estar dizendo isso (SOMÉ, 2003, p. 36).

10 O povo Dagara é encontrado principalmente nos países de Gana, Costa do Marfim e Togo, na costa oeste Africana (SOMÉ, 2003, p. 15).

Em diversos momentos em seu livro a autora nos brinda com exemplos do viver em comunidade onde o público e o privado não são fronteiras dicotômicas; na passagem acima vemos um exemplo de como isso se expressa. E em outro momento Somé completa que “quando um casal está em apuros, toda a aldeia está em apuros” (SOMÉ, 2003, p.47).

zilé Então uma provocação: no semestre remoto quem aprende e quem ensina? Como a relação de colaboração e de amizade entre professores colaboradores trouxe mais segurança e criatividade para todo o processo?

henrique Bem, pensar esses processos e seus resultados me leva a imaginar a potência que o projeto idealizado poderia ter tido. Além disso, evidenciam a força movente da criação de parcerias e do abandono de uma postura docente dissertativa ou “explicadora”, em favor de uma cada vez mais companheira e provocadora. Desse modo, nosso rigor metódico estava aí, na elaboração de um processo de ensino-aprendizagem que evitasse a figura de um *intelectual memorizador* (FREIRE, 2004) que repete conteúdos frente a câmera, para focar uma que nos coloca como aprendizes e provocadores junto aos discentes.

barbara Como assim rigor metódico?

henrique Em *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire (2004) partilha o que considera ser uma série de exigências para o ato de ensinar e aprender. O autor brasileiro inicia seus escritos falando sobre a “rigoriedade metódica” e segue um longo e dedicado trajeto até o momento em que os finaliza com o tópico “ensinar exige querer bem aos educandos”. Mais do que investigações epistemológicas, considero a prática do educador pernambucano um fundamento necessário e ético para a ação docente.

barbara De fato, mais do que um ambiente de circulação de conhecimento, o ensino remoto se transformou em um lugar de circulação de afetos e de apoio mútuo, em nosso caso.

iassanã Como professora tenho o desejo de oferecer uma aula de qualidade, de olhar olho no olho, de construir um campo de saber conjunto, por isso foram muitas as frustrações, ao mesmo tempo me senti amparada pelo grupo de professoras e professores substitutos, nele

compartilhamos muito das nossas angústias, dos procedimentos específicos da universidade, da aflição pela ameaça constante de sermos demitidas e demitidos a qualquer momento, de pensarmos juntos na situação de nossas alunas e alunos, de nos escutarmos e por tudo isso nos tornarmos um grupo de afeto que ao invés de “chorar as pitangas”, tomou “café com pitanga” algumas vezes, inclusive em um sábado de manhã, cada uma e cada um na sua casa, óbvio. E no meio de tantas incertezas encontramos um modo de nos apoiarmos.

filipe Deixa eu fazer um retrospecto. No início 2020 e eu havia acabado de ingressar como professor colaborador na Universidade do Estado de Santa Catarina. Morando em São Paulo, semanalmente me deslocava para estar na universidade e encontrar parceiros de criação, estudantes e professores. Um mês após o início, com apenas alguns poucos encontros, tudo parou.

As aulas foram suspensas e me vi perdido, literalmente distante, sem saber quais seriam os próximos passos e nem sequer, quais as possibilidades de ação. Eis que, a GRUPA se forma. Um coletivo de professores universitários substitutos, com condições de trabalho precárias e cheios de incertezas se reúne em torno de suas próprias dúvidas e inseguranças.

iassanã Nem me fale. O ano de 2020 já prometia mudanças, minha primeira experiência como professora em uma graduação. Residindo em Porto Alegre, iria para Florianópolis no domingo e voltaria na metade da semana, quando necessário, poderia ficar a semana toda. Tudo planejado e o medo e entusiasmo de uma nova experiência batendo no peito, porém, a pandemia acometida pelo COVID-19 desestabilizou minhas certezas e planejamentos e logo impediu que eu viajasse toda semana. A ordem era, e ainda é, ficar em casa de quarentena e tomar todos os cuidados possíveis, por mim, pela minha família e por toda sociedade. Pânico geral! Estamos diante de uma crise que “[...] se impõe como lógica de reprodução do sistema e o progresso, antes traduzido como avanço e desenvolvimento, agora se encarna como constante mutação viralizante, na experiência de um presente reiterativo, em que nos afogamos, sem fôlego” (AZEVEDO, 2020, pág.9).

filipe Ainda que com uma tela no meio do caminho, um encontro foi possível. E como é da natureza dos encontros, os afetos se efetivam.

adriana Trazendo esse universo para a experiência prática do semestre 2020/01 percebo o quanto foi fundamental recorrermos ao nosso senso de comunidade como professores/as, aluno/as. Relacionando com as afirmações de Somé, se o ensino remoto nos foi imposto (seja pela pandemia ou pela decisão vertical da reitoria) de modo a colocar a relação professor/a e sua turma em apuros, significou que toda a “aldeia” estava em apuros. E assim nosso esforço em empreender um projeto conjunto foi o que nos fez seguir adiante e expandir nossas possibilidades de reinvenção pedagógica. O desafio foi que, infelizmente, para muitas professoras/as interesse neste senso de comunidade, só ficou no discurso; porém entendendo que cada qual tem seu tempo e seus motivos. De minha parte, vejo o quão foi rico ter o apoio das/os professoras/es substitutas/os não só do ponto de vista de planejamento e troca de saberes, como também como respaldo emocional e engajamento político diante as decisões e resoluções arbitrárias que nos caíam a cabeça. E aqui se apresenta outra reflexão de Somé, no capítulo *O abraço da comunidade* quando ela afirma que:

Você pode fazer o que quiser com um conselho que receber. Mesmo assim, trazer o espírito de outras pessoas para sua vida é bom; dá-lhe muitos olhos para ver e ajuda a superar as limitações. Algumas vezes, você pode estar espiritualmente cego em relação a alguma coisa, e um amigo ou amiga pode estar consciente dessa coisa. Se você não se estender a comunidade, sua realidade poderá ficar bastante limitada. Com a colaboração de pessoas ela se expande (SOMÉ, 2003, p.39).

zilé Pensando em como eu também me sinto *afetada* por tudo o que envolve esta experiência do ensino remoto e ainda muito imbuída dos acontecimentos recentes cito Deleuze (2003) com a proposição de que não se aprende através da verdade ou da contemplação, mas à custa de uma violência ou força. O que me faz trazer este pensamento são alguns traços do que o conceito saber e aprender diferem, ainda de acordo com Deleuze. Aprender é a experiência que leva do não-saber ao saber, neste percurso muitas coisas acontecem, muitas marcas são impressas em nossos corpos ou ficam gravadas como memória de um tipo especial e singular. Aprender é da ordem do virtual, do inconsciente, de que o corpo participa em miríades de intensidades e topologias de naturezas das mais variadas, necessariamente. Por isso aprender carrega consigo uma violência, um adestramento diverso daquele que caracteriza o saber, o qual, como resultado de um aprender, é o domínio das regras de uma disciplina.

henrique Nesse sentido, nossas experiências este semestre fizeram com que os encontros síncronos e assíncronos entre discentes e docentes fossem reuniões de investigação para planejamento, concepção e execução destas propostas e não se restringissem à mera exposição dos temas abordados. Ao conjecturarmos sobre como iríamos realizá-las, aprendíamos e ensinávamos o conteúdo tratado, bem como o colocávamos em relação com nosso contexto. Nessa dinâmica, a possível concepção de ensino como uma transmissão de conteúdo foi abandonada em favor de uma investigação coletiva.

barbara É muito interessante avaliar essa espécie de resposta que fomos obrigados a dar à essa violência impulsionada pelo ensino remoto. Outra coisa bonita é termos tentado dar uma resposta apoiada no coletivo e não individual. As vezes apenas uma ruptura inesperada e intensa faz com que tenhamos força para modificar estruturas muito pesadas, como universidade, por exemplo. O fato de sermos trabalhadoras precárias também adiciona uma urgência maior à nossa resposta, uma implicação política diferente. É como se percebêssemos que, ou nos transformávamos ou seríamos engolidos pelo nosso próprio tempo. Como fazer isso de forma ética e coerente com a prática docente que acreditamos, né?

zilé Por compartilhamento de saberes, de saberes que muitas vezes eram apreendidos dias ou semanas anteriores. Um coletivo em que os assuntos discutidos revolviam nas mais diversas amplitudes entre os problemas das plataformas de ensino até a saúde mental da comunidade acadêmica, por exemplo.

henrique Sim! Acatar a mera transposição de metodologias que funcionavam no convívio presencial para o tecnovívio do ensino remoto seria ignorar suas especificidades, seria injusto com discentes e docentes. Daí nossa necessidade em buscar outras formas de agir, pensar, inventar meios que fizessem sentido em um presente confuso.

zilé Foram trocas fundamentais para pensarmos como gerar experiências pedagógicas minimamente decentes transformando a aridez em um campo fértil e polinizador. Penso que construí-

mos um trajeto intensivo que afetou os campos e situações não previstos inicialmente, isto é, o conteúdo que o professor ensina faz um contorno por paisagens não visitadas, por mundos desconhecidos e que de certa forma conseguimos sincronizar e provocar que estudantes criem suas próprias relações já em constante necessidade de o fazer ali mesmo, durante o próprio semestre, entre as disciplinas de caráter prático e as disciplinas teóricas. As questões de uma aula, somente na condição de sofrerem um tal deslocamento parabólico, retornam à sala de aula já com outras atualizações.

filipe Também gostaria de lembrar que o que poderia ser apenas um coletivo de apoio diante do tenso momento profissional, tornou-se o motor de uma proposição concreta a ser estendida para todo o corpo docente do nosso Departamento de Artes Cênicas. A potência do coletivo, a GRU-PA, revelou que, ainda que com uma tela no meio do caminho, éramos artistas de teatro. Artistas-docentes, que exercem sua arte na sala de aula, nos encontros de formação artística e, talvez por isso mesmo, carreguem consigo um dos principais elementos de nossa arte: a coletividade.

barbara O que também se constituiu como um processo de aprendizagem por espelhamento, eu acho. No sentido em que evocamos constantemente esse discurso de coletividade junto às alunas em suas práticas nas disciplinas mas temos poucos processos de colaboração e coletividade entre as docentes da graduação em teatro. Assim, quando as discentes vêem um coletivo de professoras agindo em diálogo, aprendem pelo exemplo que essa experiência proporciona. É como se colocando o próprio corpo, como professora, no processo (e me propondo a viver as experiências na carne), um novo ambiente de empatia e aprendizagem emerge, não a partir das certezas, mas das dificuldades. Isso é forte, pois exige que você, como docente, se exponha mais. E não fomos formados para nos expormos na sala de aula, muitas vezes essa relação entre alunas e professoras evoca fantasmas como a autoridade, o Saber com s maiúsculo, a desigualdade implícita de poder que existe na instituição entre docentes e discentes que deve sempre ser levada em consideração.

henrique Nessa esteira, penso que a exigência de Freire, o “querer bem aos educandos”, parece uma força motriz que iniciou a articulação do corpo docente de colaboradores. Destaco inicialmente que este “bem querer” não se refere a um discurso adocicado e licencioso que tudo tolera, mas se traduz na prática docente repleta de rigor científico e afetividade, ao levar em consideração a realidade político-social dos envolvidos encarando a educação muito além de uma visão tecnicista.

barbara Como se admitir essa desigualdade de poder entre aluna e professora, refletir sobre ela e se responsabilizar por ela levasse a um “querer bem” voltado à autonomia e não ao reforço de uma postura paternalista. Adicionando essas dificuldades com o contexto da pandemia e do ensino remoto, podemos ver o vespeiro em que estamos metidas. O contexto político maior da educação pública brasileira em 2020, aliado à situação fragilizante da COVID-19 e do isolamento

social só adiciona mais e mais complexidade a este nosso fazer que tem literalmente atravessado a nossa carne.

zilé Pois é. Enquanto alguns acreditam que a mudança rápida e não planejada para o ensino online, com banda larga insuficiente e pouca preparação, resultará em uma experiência precária que não é conducente ao crescimento sustentado, outros acreditam que um novo modelo híbrido de educação surgirá, com benefícios significativos. Todas as entidades universitárias vêm investindo pesadamente no trabalho para lançar efetivamente o ensino online de modo amplo e irrestrito, este definitivamente é um projeto de agenda neoliberal. A aceitação e o cumprimento por todas as partes interessadas minimizarão a resistência e, por sua vez, facilitarão a implementação do aprendizado *online*.

adriana Apesar de ver que uma atitude Ubuntu é um horizonte ainda por se buscar, não há como perceber o quão foi importante nossa iniciativa coletiva para revermos posturas e repensarmos nossas ações pedagógicas no Departamento de Artes Cênicas. Ainda que com pouca adesão de professores/as, ter pensado um projeto pedagógico comum para o ensino remoto durante a pandemia foi o que nos impulsionou a reagir e aguçar a vontade de estarmos juntas produzindo, criando e aprendendo diante de toda a dificuldade e desafio. Para mim foi fundamental e estimulante trocar com minhas amigas/os e professoras/es a realização de uma experiência pedagógica, política e emocional. Fez com o que o afeto rompesse a sensação de isolamento; proporcionou que as conexões humanas e do coração sobrepusessem a conexão cibernética. Além de expandir juntas as possibilidades pedagógicas como professores/as, descobrindo possibilidades de se reinventar e aproveitar o momento para acionar novos recursos que podem nos ampliar ao invés de isolar.

barbara A constituição desse grupo de professoras que exercitou este acompanhamento mútuo, ao longo do semestre, foi importante para a formação docente de vocês? Fico sempre pensando que a Graduação em Teatro tem dificuldade de se enxergar como a escola que é.

henrique Acho que o que brotou desse coletivo ultrapassou a ideia de uma ação pedagógica e deu forma à uma rede de trocas entre os e as profissionais participantes, auxiliando na superação de desafios vividos durante o semestre. Nessa rede trocávamos atividades, discussões, materiais, dicas de aplicativos, além de um apoio constante frente aos embates políticos que tivemos com a própria instituição, devido à fragilidade de nossos contratos e as possíveis ameaças de demissão. Esse agrupamento foi essencial para atravessar o primeiro semestre remoto e, para minha trajetória como professor, reforçou que a prática docente é necessariamente uma prática política. Ao tomarmos a decisão de exercer nossa função com rigor, “boniteza”, bem querer e afetividade, demos indiretamente um depoimento do que pensamos sobre o processo de ensino-aprendizagem, sobre nosso papel na formação de sujeitos.

zilé A Grupa com sua articulação política, agiu não apenas para projetar estratégias minimamente capazes de criar interfaces para contextos específicos das aulas no curso de teatro, mas tam-

bém de criar consciência de que precisávamos coletivamente tomar decisões metodológicas que iriam moldar o ensino remoto e transgredir os limites da instituição e quem sabe transformar o ambiente virtual em um ambiente afetivo. Tais decisões que refletem as diferentes alianças, os variados discursos e perspectivas existentes estruturaram um projeto de curso único e um projeto da primeira fase do curso. Tais projetos direcionaram cada plano de ensino para sempre estar em relação às outras disciplinas da fase. Sendo assim, ao aderir ao ensino remoto, depois de três meses de atividades suspensas pela pandemia e inventar novos devires professores e devires alunes é sim uma articulação de resistência e de superação para nos manter em movimento e neste sentido “agir é ativar tanto quanto atualizar” (MANNING, 2019, p. 49).

barbara Portanto, talvez tenha ocorrido uma espécie de reproposta dessa estrutura já desgastada do Conselho de Classe, com aspectos éticos e propostas de interação renovadas à nossa realidade. Escutando vocês, penso que esta ação que empreendemos também possui um caráter político muito forte, pois nossas vidas estavam diretamente implicadas nas decisões que tomaríamos (ou que a Universidade tomaria por nós).

filipe Sim, mais do que analisar propriamente o desenrolar do processo de aulas, interessa-me observar que o que emergiu do nosso encontro e da nossa articulação, fez eclodir algo novo, cujos efeitos poderão se fazer sentir para além do momento das telas: uma GRUPA que emerge na universidade pública, reivindica a condição de igualdade e pode promover dissensos tais, capazes de problematizar lugares estabelecidos, organizações sedimentadas, estruturas inflexíveis. A GRUPA assim, surge como a demonstração de uma possibilidade de pensar diferente, de articular diferente, de realizar um curso diferente, mais integrado, transdisciplinar, coletivo, escrito a muitas mãos. Ainda parafraseando Rancière, “*trata-se de uma posição seguramente desconfortável*”, mas que revela o surgimento de um sujeito político não apenas como um *ser-em-conjunto* mas como um *ser-entre*: entre ideias, planejamentos e trajetórias. A tela, passa a ser então, não mais a pedra no meio de nosso caminho, mas apenas mais um dos elementos que estão *entre* nós. Mas *entre* nós também estamos, principalmente, nós.

henrique Vi nas parceiras e parceiro de projeto um bem querer que tomava forma ao considerarmos os desafios que os discentes enfrentariam – a qualidade de suas conexões, falta de espaço e dispositivos adequados para estudo, o volume de trabalho que seria gerado pelo conjunto de disciplinas, as dificuldades psicológicas, econômicas e sociais ao se atravessar uma pandemia... – para a partir deles tentarmos criar um processo pedagógico que fizesse algum sentido nesse contexto.

filipe E agir em bando, agir em Grupa, tornou esses obstáculos mais transponíveis. Reacendeu a chama do processo criativo coletivo (essencial às práticas teatrais) na prática docente entre professores.

barbara Tivemos que lidar com desafios muito concretos no dia a dia, que envolviam equipamentos e modos de produção que se distanciam muito do tipo de aula que damos presencialmente. Essas trocas também foram importantes.

Assim, embora deseje o ensino presencial, tive tempo para planejar melhor o próximo semestre de modo remoto, tanto pelo estudo de mídias e modos de lecionar virtualmente, quanto pelo investimento necessário em material básico como uma câmera de boa qualidade, microfone, assinatura em uma plataforma virtual que considero melhor para lecionar, assinatura de um site de artigos e livros virtuais disponibilizados em PDFs que podem ser compartilhados para fins didáticos com minhas alunas e alunos, assim como livros físicos que possam ampliar meu campo de conhecimento, além de uma internet de melhor qualidade. Como diz José Fernando Peixoto de Azevedo apoiado pelo seu profundo estudo em Brecht, “consumir é trabalhar” (2020, p. 15). Considero importante compartilhar esses consumos que tornaram-se parte da nossa profissão, pois nosso trabalho tem sido cada vez mais desvalorizado, escolas e universidades tornaram-se alvo de ataques, porém é preciso saber que há um grande investimento por parte de professoras e professores em horas de estudo e planejamento, assim como investimento financeiro em equipamento e material para lecionar minimamente com qualidade. O que fica para mim é que

nos últimos anos, fomos tomados por um vertiginoso excesso de experiências, sob uma cruzada tecnológica que reduz o mundo a um complexo de intensidades. Que desse excesso, algum déficit existencial tenha sido o saldo, é algo que a experiência do confinamento contraviral talvez confirme, na medida que parece impor uma outra contabilidade social e afetiva: menos, fazer menos, essa é a percepção a um só tempo crítica e publicitária do momento, sobretudo diante daqueles que se vêem impelidos a ‘continuar fazendo’, ‘responder em tempo real’, ‘não parar’, ‘seguir de alguma forma’ (AZEVEDO, 2020, p. 33).

Ainda que nessas condições, é preciso encontrar fissuras e propor algo dentro desse espaço que dispomos, e onde se não ao lecionar, que é o lugar de abertura para o aprendizado, para que a curiosidade amplie nosso desejo de conhecer, compartilhar e aprender com nossas alunas e alunos, por isso confio na nossa capacidade de construirmos conhecimento de qualidade também nesta conjuntura. Se não podemos parar, então assim, seguimos inventando modos de respirar.

Henrique Sim... reconheço que os desejos foram bem maiores do que as realizações, mas penso: não seria sempre assim? Os desejos orientam a bússola da ação, e se seus ponteiros ainda não podem apontar para um ensino presencial, que direcionem a navegação para lugares que possamos desbravar juntamente a nossos parceiros e parceiras discentes, que estes não fiquem largados em botes à deriva, mas conduzam a nau conosco, nos ensinando enquanto aprendem. Pois, ainda que estejamos privados do convívio físico simultâneo, teatro e conseqüentemente seu ensino, são ações coletivas.

não foram só angústias, ainda que com uma tela no meio do caminho, encontros foram possíveis e rearranjaram algumas percepções, rearranjaram as minhas percepções.

adriana Penso ser fundamental buscar esse senso de comunidade que nós, enquanto professoras/es, recorremos para atravessarmos a correnteza que foi e está sendo esse momento. Muitas vezes abordamos a comunidade como sendo algo fora, o outro, aquele bairro distante e não o nosso. Com certeza estamos longe de sentir a comunidade como nos povos Dagara, mas pensar em nossa experiência reconhecendo nela a vontade de pertencimento, força e ajuda mútua foi o que mais expandiu meu horizonte como pessoa e professora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, José Fernando Peixoto de. *Entre o Gatilho e a Tempestade: racismo, capitalismo, teatro e a capacidade mimética de um vírus* (notas de trabalho para desdobramentos futuros, na encruzilhada-Brasil. Disponível em: Disponível em: <https://n-1edicoes.org/108> . Acesso em: 20 de agosto de 2020.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Editora paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MANNING, Erin. *The minor gesture*. London, Duke University Press, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. *Nas margens do político*. Lisboa, KKYM, 2014.

SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade – ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*. São Paulo: Odysseus, 2003.

CONSELHO DE CLASSE: AGRUPAMENTOS PARA SOBREVIVER AO REMOTO

Material de pesquisa

PROCEDIMENTO DE A-GRUPA

Dispositivo metodológico de elaboração de reflexão coletiva

Compartilho aqui como foi organizada esta proposta de escrita, para que ela seja roubada, recriada, despedaçada ou criticada.

Funções:

1. Mediadora ou curadora – pessoa proponente do jogo, que cria uma lógica de escrita ou ação que possa dar espaço para as vozes individuais a partir de perguntas ou procedimentos de escrita compartilhados. Esta pessoa propõe perguntas ou gatilhos disparadores de escrita, recebe e organiza o material recebido, sendo a responsável por dar um formato ao material coletivo.

2. Escritora – pessoa participante do jogo, que escreve segundo a proposição da mediadora, negociando sua forma pessoal de escrita com as propostas do agrupamento.

POSSÍVEIS COMPREENSÕES ÉTICAS DE UMA ESCRITA EM GRUPA

- a possibilidade de uma pluralidade de vozes em uma mesma reflexão, articulando uma discussão que possa conter a contradição, a discordância, a convergência ou a comparação entre diferentes ao redor de um mesmo gatilho disparador de escrita.**

PERGUNTAS

Lógica de resposta: escrita em primeira pessoa; menção de ao menos uma referência bibliográfica que você julgue merecedora de entrar nessa nossa conversa coletiva (chama as autoras legais pro babado); lembrando que o pessoal é político e as escritas de si são formas de reconstruir as narrativas hegemônicas.

Máximo: 3 laudas de Times New Roman 12, espaçamento 1,5 (pra gente não inventar de escrever a bíblia juntas).

- 1. Por favor, releia o projeto que escrevemos ao DAC. Após toda a experiência prática do semestre 2020/01, o que fica forte para você nessa comparação entre a ideia que tivemos e a vida real?**